

## MILAGRES DE FREI GALVÃO EM VIDA: alguns relatos

Bianca Gonçalves de Souza\*

### **Clarividência**

*Uma menina foi levada à presença de Frei Galvão. No decorrer da conversa, perguntou à ela sobre o que desejava ser. Respondeu que queria ser freira. Frei Antonio a abençoou com carinho e profeticamente lhe confirma a vocação. De fato, aos 19 anos ela ingressa em um Convento.*

### **Levitação**

*No Mosteiro da Luz há vários testemunhos sobre a capacidade de Frei Galvão tinha de levitar. Dentre eles, há o relato de uma senhora nos seguintes termos: caminhando em plena rua, pôde observar o Frade que se aproximava todo recolhido. Ao se cruzarem, ela exclamou, espantada: “Senhor Padre, vossemecê anda sem pisar no chão?” E o Frei sorriu, saudou e seguiu diante.*

### **Telepercepção**

*Antigamente, quando os sinos badalavam fora de horário de reza, a comunidade se reunia pois sabia que algo de extraordinário acontecera. Certo dia, os sinos do Mosteiro tocaram e a população atendeu a convocação. Frei Galvão, então já bem idoso, anunciou: “Rebentou em Portugal uma revolução” (talvez a de 1820). E relatou detalhes como se estivesse assistindo a tudo pessoalmente. Semanas depois, chegaram notícias confirmando as visões de Frei Galvão (Canção Nova. Conheça a origem das pílulas e os milagres de frei Galvão. 25/10/2007. Disponível em: <http://noticias.cancao-nova.com/noticia.php?id=243712>. Acesso em 7/5/2008).*

Os trechos acima, retirados do *site* da rede Canção Nova (A Comunidade Canção Nova é de cunho religioso católico. Pertence à comunidade o espaço dela, situado no município de Cachoeira Paulista/SP, bem como a rede de televisão com o mesmo nome), são exemplos de algumas narrativas que permaneceram ao longo de mais de dois séculos, e remetem a milagres que teriam sido praticados pelo hoje primeiro santo brasileiro, legitimamente reconhecido pelo Vaticano, Santo Antonio de Sant'Anna Galvão. Ele nasceu no município de Guaratinguetá/SP, no ano de 1739, e faleceu na capital paulista aos 83 anos, em 1822. Desde sua existência, frei Galvão evocava em muitos devotos uma certa devoção, respeito, pelos gestos tidos como santos por ele praticados ou por obras que realizou, como a reconstrução do Mosteiro da Luz, bem como a construção de um outro em Sorocaba/SP.

Filho de uma família de 10 irmãos, os pais eram abastados, tinham uma vida bem assentada na região do vale do rio Paraíba. Sua mãe, dona Isabel, trazia em sua genealogia a descendência de bandeirantes paulistas, o pai, Antonio, era português; ele foi o único a seguir a vida vocacional e desde muito jovem começou a motivar, por suas atitudes e supostos milagres, a fé do povo no fato de que ele, talvez, fosse mais que um padre, mas alguém diferente, tocado por Deus.

Em 1998 ele foi beatificado pela Santa Sé. Com esse gesto da igreja católica, ele passou a ser beato, ou seja, tornou-se possível a devoção a ele nos municípios por onde ele teve atuação, isto é, Guaratinguetá e São Paulo. Com a canonização, em 2007, ele tornou-se santo, podendo ser exposto agora em qualquer altar católico no Brasil e no mundo. Todo esse procedimento de reconhecimento da igreja quanto à santidade de alguém decorre de um processo canônico; o de frei Galvão iniciou-se em 1938-39, parou por quatro vezes. Somente na década de 1980 foi retomado e teve como então postuladora irmã Célia Cadorin, freira com ampla experiência em processos de beatificação e canonização.

Tanto na beatificação, como na canonização, a imprensa apresentou alguns relatos históricos da vida do frei franciscano. Os três anteriores são reproduções de uma memória construída ao longo dos séculos que se passaram. Dessa forma, quando a imprensa publica essas lembranças acaba ela também colaborando para a manutenção da memória do santo. São relatos que não necessariamente tratam de curas ou graças devotadas às pessoas, contudo são narrativas construídas historicamente que apontam para um outro ponto que marca a memória historicizada de Antonio Galvão: ele tinha dons extraordinários.

Então, como no caso dessa matéria do portal eletrônico, salienta-se também que frei Galvão era dotado de dons sobrenaturais, era visionário e levitava, dons que corroboram na construção de uma memória que reforça ainda mais o caráter de que esse homem era alguém especial e diferente dos demais homens e mulheres. E esse é o objetivo da notícia:

proclamar – o que acaba reforçando também – a idéia de que ele era (já dava sinais desde sua existência) alguém excepcional no sentido de suas potencialidades espirituais.

Há relatos de gestos que se tornaram bastante conhecidos, os quais dizem respeito ao tempo em que o frei vivia. Alguns deles são trabalhados nas biografias do santo. Um deles, como conta Thereza Maia (MAIA, op. cit., pp.15-16), sobrinha do frei (descendente direta de um dos 9 irmãos dele), ficou conhecido como o milagre de Potunduba:

Foi por volta de 1810. Capataz de uma monção que vinha de Cuiabá, “abicada à noitinha em Potunduba, à margem do Tietê” (município de Jaú), Manoel Portes, que havia chicoteado em membro de sua flotilha, foi por este mortalmente apunhalado. Sentindo-se perdido, invocou Frei Galvão, para se confessar, tendo as tripulações atônitas, presenciado a chegada do frade àquele local deserto. Aproximando-se do agonizante, ouviu as suas últimas palavras, absolveu-o e desapareceu de relance, deixando a todos estarecidos. Nesse mesmo momento, Frei Galvão, que pregava numa igreja, em São Paulo, interrompera a prática para pedir à assistência que com ele orasse pela salvação da alma de um cristão que, longe dali, estava agonizando. Uma capela memoriza esse episódio, sendo um centro de devoção a Frei Galvão.

É importante destacar o fato de que, apesar de dona Thereza não ter visto um fenômeno como esse, para ela se põe como inquestionável a veracidade do ocorrido. Ela não questiona o milagre, nem os dons sobre-humanos do tio. Ela acredita no que ouviu desde sua infância de seus pais e avós e passa isso como sendo, para ela, uma verdade indubitável.

É uma visão não só permeadas pela sua religiosidade – ela é também católica – mas faz parte de uma memória que é a da sua família, de seus ascendentes, que passaram isso para as gerações seguintes. E ainda aqui se salienta o dom de teletransporte do frei: ele não só foi capaz de atenuar as dores do agonizante, como também se apresentou em dois lugares ao mesmo tempo. Nos trabalhos da beatificação de frei Galvão, volume que trata do processo (CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM. *Canonização do servo de Deus Frei Antonio de Santa’Anna Galvão*: fundador mosteiro das irmãs concepcionistas (Recolhimento N. Sra. da Luz)/ Posição sobre vida, virtudes e fama de santidade. Biografia documentada. Vol. II. Roma/Itália; São Paulo, 1993, p. 313), há menção ao feito de Potunduba. Ali cita um jornal, *Correio de Jahú*, em 1900, o feito do frade franciscano.

No Potunduba existe uma cruz secular em que se apoia uma taboleta de que damos o seguinte clichê, sendo a inscrição que ali se lê, gravada em alto relevo; ‘este presente lugar dizem q’ ouve um prodígio, do frei Antonio Galvão vindo da Cid.e de São Paulo confessar a Manoel Portes que estava a morte’. Sobre o mysterioso factio de que esta la-cônia inscrição nos dá noticia refere a seguinte lenda: Manoel Portes, tendo desastradamente recebido profundo golpe de faca, quando com esta picava o matto, recolhera-se à

barraca que armara a alguns passos do rio Tieté, soffrendo grande hemorrhagia. *Sentindo a aproximação da morte manifestára ardente desejo de se confessar a Frei Antonio Galvão, virtuoso ministro de Christo, que achava-se em S. Paulo, afim de receber o perdão e tranquilamente entregar a alma a Deus. Momentos depois enorme tufão se fórma e Manoel Portes sente o seu espírito comunicar-se ao de Frei Galvão.* (Sebastião Teixeira publicou das Oficinas do *Correio de Jahú*, em 1990, capítulo I, 5).

O jornal em questão não afirma nem nega o fato, mas o entende como sendo algo misterioso. Sutilmente, dá a entender que há uma dúvida que possa pairar sobre essa história. E é importante lembrar, como destaca a notícia, que esse local foi marcado com a cruz e pela capela, a fim de identificar onde se deu o milagre (FREITAS, Eliane T. Martins de. *Memória, ritos funerários e canonização populares em dois cemitérios do Rio Grande do Norte*. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Prog. de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, 2006-2). Em seu trabalho sobre o culto a mortos famosos de cemitérios do Rio Grande do Norte, Freitas explica que, no dia de finados, as romarias para tais lugares é intensa. Torna-se um lugar de memória, que ela entende conforme a concepção de Nora (NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, nº 10. São Paulo, PUC/SP, dez/1993. pp. 7-28), como um monumento que reativa constantemente o presente desse culto ao passado das pessoas que ali estão enterradas. No lugar do suposto milagre, então, se constitui um monumento para, dessa forma, eternizar o acontecido e perenizar a cena que ali se sucedeu.

Tanto as narrativas antigas – como a do jornal – como os quadros expostos na casa do frei, em Guaratinguetá, são elementos que fazem parte do trâmite da construção da biografia desse homem e que contribuem para reforçar um imaginário em torno de uma figura que é construída como sendo alguém especial.

O quadro alusivo ao milagre de Potunduba, por exemplo, registra duas cenas: uma ao lado esquerdo, mostrando a celebração eucarística que o frei realizava em São Paulo. À direita, porém, ele com o convalescente nos braços, rodeado de curiosos. E essa segunda cena é bastante sugestiva na interpretação: o doente se assemelha muito à imagem de um Cristo sofredor: barbas, cabelos longos, vestes brancas. Ou seja, a idéia que o quadro sugere é que Antonio Galvão de França estivesse amparado o próprio Crucificado, antes de ele morrer.

E como essa, outras narrativas de milagres se mantiveram e chegaram até a atualidade pelo auxílio da oralidade ou pela publicidade que adquiriram, como no caso de Potunduba, noticiado em imprensa escrita. Outro milagre que ficou bastante famoso entre os devotos do frei foi o do frango do diabo.

Residia em Itu um escravo liberto que, ficando doente, fez promessa de levar a Frei Galvão “uma vara de frangos” caso sarasse, o que de fato ocorreu. Por essa razão, amarrando as aves em uma vara, pôs-se a caminho. Aconteceu que, no meio da jornada, três frangos lhe escaparam. Recolheu facilmente dois. O terceiro, um “carijó”, fugiu velozmente, irritando o velho, que gritou impaciente: - “Volta, frango do diabo!” Nesse momento, entrando em uma moita de espinhos, o frango se deixou apanhar. Após a caminhada, o liberto foi alegremente entregar seu presente ao Frade, que aceitou todas as aves, menos a “carijó”: -“Porque este frango, já o deste ao diabo!” (MAIA, op. cit., p. 16).

Nesse exemplo, também reproduzido na biografia de dona Thereza Maia, não se vê propriamente a descrição de um milagre, e sim um sinal de clarividência. Mais se assemelha a cena a uma adivinhação por parte de Santo Antonio de Sant’ Anna Galvão. Dona Thereza não é a milagrada – ou seja, alguém se define como sendo agraciada por um milagre que a tornaria devoto dele -, é descendente dos irmãos do frei, mas como é ela quem narra o fato, é perceptível em sua forma de ver os atos do tio santo como sendo todos eles provas, evidências da santidade desse homem que apesar de ela não ter conhecido, lhe é tão familiar pelas histórias que ouviu a vida toda e que hoje reconta.

Em momento algum, por sua formação cristã e pela história de sua família, veria ela esse fenômeno como uma simples adivinhação, ou como coincidência até. Para ela, a cena do diabo do frango é prova de que frei Galvão era perspicaz quanto ao demônio e jamais se aliaria a esse, mesmo que por um gesto tão insignificante quanto ganhar um frango.

Mas não só pelos seus dons sobre-humanos se destacou o frei, ele também era visto como um indivíduo capaz de promover graças e milagres nas pessoas e o mais famoso, provavelmente, é o que se deu juntamente com a criação das pílulas de papel. Esse acontecimento, em especial, para Santos (SANTOS, Armando A. dos. *Frei Galvão: o primeiro santo brasileiro*. São Paulo, Petrus, 2007, p. 69) e para dona Thereza Mais implica, na verdade, em duas graças.

Certo dia, Frei Galvão foi procurado por um senhor muito aflito, porque sua mulher estava em trabalho de parto e em perigo de perder a vida. Frei Galvão escreveu em três papelinhos o versículo do Ofício da Santíssima Virgem: *Post partum Virgo Inviolata permansisti: Dei Genitrix intercede pro nobis* (Depois do parto, ó Virgem, permaneces-tes intacta: Mãe de Deus, intercedei por nós). Deu-os ao homem, que por sua vez levou-os à esposa. Apenas a mulher ingeriu os papelinhos que Frei Galvão enrolara como uma pílula, a criança nasceu normalmente.

Caso idêntico deu-se com um jovem que se estorcia com dores provocadas por cálculos visiciais. Frei Galvão fez outras pílulas semelhantes e deu-as ao moço. Após ingerir os papelinhos, o jovem expeliu os cálculos e ficou curado.

Esta foi a origem dos milagrosos papelinhos, que, desde então, foram muito procurados pelos devotos de Frei Galvão, até hoje o Mosteiro fornece para as pessoas que têm fé na intercessão do Servo de Deus.

O que se manteve ao longo do tempo é que duas pessoas, ao menos, foram socorridas pelo mesmo instrumento, as pílulas de papel. E esse é um objeto inseparável da análise para compreender quem foi Antonio Galvão de França. Tanto dona Thereza, como o biográfico citado, não contestam essa memória, não a debatem, apenas reproduzem isso em seus livros no intuito de fazer dessa memória quase que uma prova da santidade do frei e de sua capacidade de curar os outros. E a partir do momento que uma narrativa como essa é alimentada, reproduzida, reforça a idéia de que o frei de Guaringuetá era alguém dotado de poderes de cura e de conceder graças.

Evidentemente os santos, que são generosos imitadores de Jesus nas virtudes, também o são no modo de operar os milagres. É bom que essa seja a característica dos milagres, a fim de que fique evidente a ação de Deus: os santos são instrumentos de Deus, o qual é o agente principal (PROJA, Giovanni B. *Imagens, relíquias e bênçãos: os gestos da fé e seu significado*. São Paulo, Ave-Maria, 2007, p. 92).

O milagre é mais do que uma ação: é uma manifestação de Deus Pai para o cristianismo. Os santos, como dito acima, são o instrumento, pois quem promove mesmo o milagre não são eles. É essa conclusão do autor que representa parte da voz da igreja católica no tocante ao assunto. Os santos, na visão do autor, são pessoas que seguiram ou se propuseram a seguir à risca a vida e as obras de Jesus Cristo.

O santo, portanto, é alguém que opera essa relação entre o ser humano, que pede, e Deus, que está acima de todos e dos santos também. Porém, apesar de essa relação ser assim entendida, no momento da descrição do fato quem é enaltecido por suas virtudes é a própria figura do santo, reforçando o fato de que ele foi capaz de promover uma cura. E isso parece ainda mais evidente no caso do frei, pois foi ele quem criou a pílula, é dele a fabricação, o gesto, a feitura da primeira pílula utilizada. A memória que se constrói de santidade é para ele e não para Deus, por assim dizer. Para catecismo da igreja católica:

A graça é antes de tudo e principalmente o dom do Espírito que nos justifica e nos santifica.

Mas a graça compreende igualmente os dons que o Espírito nos concede, para nos associar à sua obra, para nos tornar capazes de colaborar com a salvação dos outros e com o crescimento do corpo de Cristo, a Igreja. São as *graças sacramentais* dons próprios dos diferentes sacramentos. São, além disso, as *graças especiais*, chamada também “carismas”, segundo a palavra grega empregada por S. Paulo e que significa favor, dom gratuito, benefício. Seja qual for seu caráter, às vezes extraordinário, como o dom dos

milagres ou das línguas, os carismas se ordenam à graça santificante e têm como meta o bem comum da Igreja. Acham-se a serviço da caridade, que edifica a Igreja. (...).

Sendo de ordem sobrenatural, *a graça escapa à nossa experiência* e só pode ser conhecida pela fé. Não podemos, portanto, nos basear em nossos sentimentos ou em nossas obras para daí deduzir que estamos justificados e salvos. No entanto, segundo a palavra do Senhor: “É pelos seus frutos que os reconheceréis” (Mt 7,20), a consideração dos benefícios de Deus em nossa vida e na dos santos nos oferece uma garantia de que a graça está operando em nós e nos incita a uma fé sempre maior e a uma atitude de pobreza confiante. (Igreja Católica. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB). *Catecismo da igreja católica*. São Paulo, Loyola, 1999, pp. 528-529).

Sendo assim, a graça ou o milagre, em face do catolicismo, depende inextricavelmente, da fé, de se crer naquilo que não se vê e não se toca. E o milagre consiste em uma infinita quantidade de acontecimentos e eventos: desde uma cura, até a obtenção de emprego, de pagamento de dívidas, de conseguir algum bem material, como uma casa, por exemplo. Tanto para frei Galvão, como na história de outros santos, são os mais variados tipos que se apresentam. Santa Mônica, por exemplo, teve a graça de conseguir a conversão de seu filho, Santo Agostinho. Santa Edwirges agraciava os endividados, pagando-lhes as dívidas ou pagando a fiança da prisão para libertar os que estavam presos por tal motivo. E assim acaba por surgir um conjunto de santos que atendem as mais variadas necessidades e dores que afligem ao ser humano.

O que se quer colocar aqui é que, talvez seguindo passos de outros cultos antigos – nesse sentido, o sociólogo Stark (STARK, Rodney. *O crescimento do cristianismo*: um sociólogo reconsidera a história. São Paulo, Paulinas, 2006) tenta defender a idéia de que o cristianismo seguiu nos passos de outras religiões, como o paganismo, para se firmar no império romano – os primórdios do cristianismo já valorizavam os personagens ligados à comunidade cristã. Esse mesmo autor utiliza-se de uma discussão a respeito dos primeiros mártires da igreja católica pra mostrar como esses foram importantes para arrebanhar fiéis no paganismo e no judaísmo. E, como os martírios eram feitos em público, a comunidade via, presenciava a coragem daquele homem ou daquela mulher que dava a vida em prol de um ideal.

Hoje, no entanto, a questão do martírio, quiçá, não tenha o mesmo significado que outrora teve. O foco atual é a santidade que um indivíduo demonstra em vida e mediante reconhecimento dessa oficializa-se a sua nova condição. A figura de frei Galvão não se destacou porque foi ele um mártir, no sentido de alguém que se sacrificou em defesa da sua fé, nem mesmo são seus dons sobrenaturais que o tornaram famoso perante o povo. Foi no dia-dia, na sua prática de vida de homem religioso que construiu sua fama, uma

memória que até hoje permeia a vida dos fiéis e essa fama é oriunda especialmente das graças que crê-se que ele tenha concretizado. E essa memória se solidifica na idéia de que ele foi um santo capaz de produzir um remédio para a alma e para o corpo – as pílulas – e edificou-se também no imaginário dos devotos que ele é especialmente atento para com as mulheres grávidas e os doentes, conseqüência provavelmente desse gesto que se deu na invenção das pílulas.

Assim como esses eventos citados há outros que ficaram conhecidos como o milagre do lenço, o dos fiéis e da chuva, o da mulher grávida (MAIA, op. cit.; SANTOS, Armando A. dos. *Frei Galvão: o primeiro santo brasileiro*. São Paulo, Petrus Ed., 2007). Todas elas narrativas do tempo em que o frei estava vivo. Foram passadas adiante, sobretudo pela oralidade e quando se agrupam, se condensam em uma memória em torno do frei e acabam por fomentar a formação de um patrimônio do santo e que hoje é mantido com o auxílio da família, dos devotos e da igreja.

A voz, nesse sentido, ainda mais ao tempo do frei – com poucos sujeitos letrados – era uma forma de propagar uma notícia também, de tornar conhecido um fato, uma pessoa e suas atividades. Zumthor (ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 143) já trabalhou a questão da voz nas poesias e nas cantigas medievais. No entanto, ainda hoje e no tempo de frei Galvão, inclusive, ela é importantíssima como uma forma de fazer conhecer alguém ou alguma coisa, sobretudo em uma sociedade de maioria analfabeta.

A voz decerto une; só a escritura distingue eficazmente entre os termos daquilo cuja análise ela permite. No calor das presenças simultâneas em performance, a voz poética não tem outra função nem outro poder senão exaltar essa comunidade, no consentimento ou na resistência.

E no caso em questão, enaltecer o frei. E essas narrativas que se mantiveram compõem uma memória historicizada sobre ele. Vale a pena retomar a lição de Nora ((NORA, op. cit., p. 9) acerca da diferença entre memória e história.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

Buscando diferenciar memória da história, compreende que a primeira é um movimento, algo não acabado, pronto, mas sim em constante diálogo com a realidade, o que



faz dela algo vívido, e não morto, pronto e encerrado. Sujeita a esquecimentos e recordações, multifacetada, é a matéria-prima sobre a qual se volta a história, que a reorganiza, ordena, classifica, para dar-lhe a faceta de uma matéria, agora, refletida, intencional, e com mensagens definidas. Não é, porém, a realidade dos fatos tão radical quanto aponta o autor. História e memória não são tão fragmentadas uma da outra assim. Todavia essa citação é posta aqui para ilustrar que a memória, como sendo um material mais maleável talvez, mais fluido que a história, tem papel de destaque quando se reflete sobre a trajetória de vida de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão.

É dessa memória fragmentada que se alimentou os relatos dos primeiros milagres do frei para a formação de uma narrativa histórica. Mas a história, como hoje se nos apresenta, é permeada de relações e disputas, é uma reconstrução de uma memória, não é o próprio acontecimento, é uma reconstrução que, conforme os interesses de um grupo ou de uma comunidade, salienta pontos em detrimento de outros que são esquecidos ou abafados.

Mais do que isso, essa memória é substrato para a formação de um patrimônio que conta quem é o frei. O patrimônio, nesse sentido, é tudo que diga respeito ao frei: não são só as pílulas, mas também os quadros que narram os milagres, os objetos, a casa, o Mosteiro da Luz em São Paulo, a capela e a cruz em Jaú, os artigos de jornal com testemunhos. Como entende Silva (SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 41):

Sem perder de vista a grande importância dessa esfera edificada, ampliando sugestões contidas em alguns de seus analistas, é necessário incluir no patrimônio histórico outros campos artísticos (...), objetos cotidianos (...), materiais de diferentes arquivos, acervos bibliográficos, falas e práticas de múltiplos agentes sociais.

Essa ampliação não se confunde com a simples diversidade de “objetos” ou “temas” abordados pelos historiadores: está-se diante de fazeres sociais. Para cada material interpretado, há um contato com lutas, acordos, potencialidade, limites.

A história de frei Galvão e seu patrimônio, portanto, são resultado de um fazer social, que revela uma abordagem específica, qual seja, a de que ele era um homem santo, especial, diferente, milagreiro, extraordinário. Outras abordagens, provavelmente, não foram mantidas ou porque o fazer social não permitiu, nas disputas e lutas que se deram no tempo, ou porque o próprio esquecimento se encarregou de as apagar, sufocar, extinguir. Na costura dessa memória historicizada e na manutenção de um patrimônio participaram fortemente essas narrativas da família, da igreja, de devotos, são eles os indivíduos que compõem os sujeitos sociais que dizem quem foi Antonio Galvão de França, e são eles também que, movidos por seus interesses e intenções, por ventura, que retiraram da cena os elementos que não julgaram procedentes de compor esse cenário.

O patrimônio é composto tanto em parte por uma cultural material, como dele pode participar, como ensina Silva, elementos de uma cultura imaterial, como as narrativas. Mas essas também se tornam materiais, quando são registradas e documentadas nos livros, nos quadros, nos testemunhos escritos. Os quadros da casa de frei Galvão, em Guaratinguetá, por exemplo, querem ser documentos aos olhos do visitante, que provam a veracidade da santidade, da vida e da trajetória do frei. Mas, para a história, não pode ser assim. Enquanto memória e como patrimônio material que o são, esses quadros escondem em si intenções, qual sejam, de formar uma compreensão do visitante sobre o frei. Isso porque a história que é contada nesse ambiente da casa, especialmente, é uma história fragmentada.

Por um lado, a história fragmenta e divide o que no original pode ter-se apresentado como inteiro, abstraindo aqui um pequeno detalhe descritivo, lá uma cena memorável. Por outro lado, a história compõe. Integra o que no original pode ter sido divergente, sintetiza diferentes classes de informação e contrapõe diferentes ordens de experiência. Traz o meio-esquecido de volta à vida, de uma forma muito parecida à dos pensamentos oníricos. E cria uma narrativa consecutiva a partir dos fragmentos, impondo ordem no caos e produzindo imagens muito mais claras do que qualquer realidade poderia ser (SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. *Revista Projeto História*. Nº 14. São Paulo, PUC-SP: fev/1997. pp. 41-81, p. 45).

Samuel justamente critica essa idéia de que a história nos contaria uma verdade. Ela tem essa capacidade de agregar diferentes elementos, mas isso não quer dizer que sejam correlatos entre si. Na construção do patrimônio de frei Galvão, por exemplo, os quadros expostos na sala da casa dele, tentam passar essa idéia ao visitante, de que se está diante de toda a história do santo, contada por meio da pintura. Porém, há que se perceber que na realidade, provavelmente esses fatos não tenham se dado como uma sucessão cronológica e organizada como está dada na coleção de quadros. E, quiçá, para o próprio frei alguns deles não fossem motivados por forças maiores, como se crê, ali naquele espaço, que seja a motivação dos milagres e cenas extraordinárias. Oxalá para ele alguns desses fossem apenas situações que apontassem sua atuação como religioso, e não como homem santo.

Nesse trecho selecionado, o autor explica que a história então fragmenta e depois reordena o que no original estava dado de outra forma. Ao fazer esse exercício, ela dá uma ordem que não é a mesma do real, do que foi vivido e não foi apreendido. Traz ao presente um algo do passado que estava esquecido, mas para fazê-lo nunca pode recompor o passado como ele foi. E mais que isso, lembra algumas coisas para esquecer outras. Nem os quadros e nem a forma como a exposição deles está montada na casa, recriam verdadeiramente o que foi o ali pintado. Não contam sobre o caos que permeia a realidade, somente atribuem uma ordem histórica aos fatos representados.

Por exemplo, os quadros que compõem o patrimônio e que materializam a história relatam os milagres atribuídos ao santo ou outros fenômenos extraordinários, como a capacidade que ele teria de levitar. Há cenas da sua vida que não estão ali contadas. Talvez até cenas que pudessem marcá-lo mais como humano, que denotassem sua condição humana. No entanto, a narrativa construída quer documentar um homem santo, só apontando, nesse sentido, cenas que assim corroborem essa idéia a respeito dele.

A oralidade, a história e o patrimônio hoje reforçam o que a igreja católica identifica como elemento indispensável no processo de beatificação, que fama de santidade. Essa fama, a qual os livros biográficos se referem, bem como nos depoimentos das pessoas a ele ligados, não surgiu espontaneamente. Aos olhos da postuladora do processo de frei Galvão a fama de santidade é fruto da fé popular. Quando indagada sobre se ela, irmã Célia, havia entrevistado a família do frei, no tempo da beatificação, ela explicou que:

Irmã Célia: Sim porque a família, mas na beatificação...A dona Thereza responde como testemunha no processo, porque o frei Galvão é uma causa histórica, tem duas coisas também diferentes, a Paulina não é uma causa histórica, é recente, ela morreu em 1942. O frei Galvão morreu em 1822. É uma causa histórica, então não tem sobrevivente, não tem testemunha ocular, então as testemunhas do frei Galvão, no processo, são da continuidade da fama de santidade. É sobre a continuação da fama de santidade. É diferente. Então a gente viu umas quatro irmãs, conhecidos, parentes, de longe, porque de perto não tem mais ninguém, algum advogado, dois padres, um franciscano e outro, umas pessoas leigas assim, né, que visitavam, que iam à missa, né? Um 10 ou 20 pessoas a gente pegou, né, pra provar que a gente sabe a continuidade da fama de santidade. Aí é diferente, já a madre Paulina não era uma causa histórica, então a madre Paulina é rica porque ela tem testemunhas maravilhosas, e recentes, e sim porque nós ainda temos freira que conviveu com ela.

A minha tia morreu há pouco, ela tinha 98 anos e conheceu, ela entrou com a madre Paulina, tanto que quando ela entrou, ela faz os votos, ela foi escalada pra ser enfermeira, e ela escreve uma cartinha para a madre Paulina e a madre Paulina respondeu. Um 10 das coisas mais bonitas que eu já...E ela disse assim: “desde que...cuidar dos doentes. Tudo aquilo que se faz aos doentes, Deus o tem como feito a si mesmo. Os doentes são os prediletos de Deus”. Então sabe, são coisas assim, entende? Eu também conheci a Paulina. Pouquinho, porque eu era menina, mas eu vi (Entrevista com a irmã Célia Cadorin, São Paulo, 27/7/2008).

O papel dos familiares no processo é funcionarem como testemunhas da história, justamente dessa que reorganiza a memória conforme lhe convém. E há que se ressaltar que os selecionados eram da família, padres, freis, freiras, gente que ia à missa como ela coloca. Ou seja, os testemunhos colhidos no processo para falar de frei Galvão foram intencionalmente selecionados, talvez, para não conflitarem entre si. Ao que aparenta na fala da irmã Célia, é que se buscava sim, saber da história dele, mas que essa história fosse direcionada no sentido de explorar os pontos positivos que ela é capaz de aflorar, em

detrimento de pontos que pudessem gerar confronto ou discórdia.

O processo de beatificação é ele também parte desse patrimônio erigido. E como tal é produto de uma história que camufla contendas possíveis para amarrar uma reconstrução bem organizada, estruturada e sedimentada em alguns pontos, não em todos, e em especial em pontos que sejam valorosos e reforcem a fama de santo que ele tinha e tem. E a questão que salta é se como ser humano, se Antonio Galvão de França nunca evidenciou fraquezas.

No trabalho de Santos (SANTOS, Armando A. dos. *Frei Galvão: o primeiro santo brasileiro*. São Paulo, Petrus, 2007) é narrada uma passagem a respeito de São Pio X. Quando jovem, fragilizado por causa de uma dor de dente, e provocado por uma de suas irmãs, deu-lhe um tapa no rosto. Após sua morte, essa irmã sua foi testemunha no processo e talvez sem querer deixou escapar o acontecido. Por conta desse tapa na cara de sua adolescência, Pio X quase não foi canonizado. E o que se apreende da experiência cotidiana é que, entre irmãos, crianças e adolescentes, é muito comum discussões, atritos, agressões. Frei Galvão, talvez, não tenha feito isso, mas será que nunca deixou aflorar sua esfera de humanidade, rancores, tristezas, desespero?

Esse relato é interessante, pois faz refletir sobre a história também: ela realmente mata aquilo que não lhe interessa expor. A história de frei Galvão, contada dentro de sua casa, é a de alguém que nunca errou ou pecou. Ou seja, relega-se ao esquecimento sua natureza humana para exaltar, única e exclusivamente, a natureza de santo que os homens lhe atribuíram.

E mister retomar que irmã Célia faz questão de mencionar que isso, ou seja, o processo dele foi diferente do processo da madre Paulina, por exemplo (santa canonizada nos anos de 1990, processo que irmã Célia também postulou), pois esse ainda contou com depoentes vivos, que viveram com a madre. Mais salutares, portanto, aos olhos dela, porque além de ouvirem dizer, as testemunhas viram, conheceram, falaram com a madre, participaram da vida dela, inclusive a postuladora, como diz no final da fala.

Mas ainda assim o fato de ela, inclusive ter vivido com a madre, não faz de seu relato mais afirmativo que o de dona Thereza no processo do frei. Vale sublinhar que, em ambos o caso, se tem um produto, o relato, o testemunho, que é fruto de uma história fragmentada, o que não quer dizer real.

A realidade vivida elas não recontam, senão à maneira como a perceberam e somente a partir dos elementos que elas têm em mãos para extravasar os acontecimentos. São produtores de uma memória historicizada, organizada e fragmentada, produzem suas colchas de retalhos de lembranças que, no conjunto, apenas parecem ser retrato do real, mas não são.

Dessa forma, o que a postuladora e o corpo de pessoas envolvidas em um processo de beatificação faz é dar espaço para que as testemunhas reconstruam a seu modo a narrativa que refere a fama de santidade. E a fama de santidade é realmente isso: é buscar identificar vozes, falas, clamores que rondam a personalidade e a trajetória de vida de um candidato a santo ou santa, a fama de santidade é a própria história, não a verdade vivida e experimentada pelo santo.

Em 1934, por exemplo, foi feita uma lista com mais de 50.000 assinaturas -encabeçadas pelo pedido de Monsenhor João Batista Martins Ladeira, vigário geral da arquidiocese de São Paulo - que pediam a beatificação de frei Galvão (S. PAULO, AML [Arquivos do Mosteiro da Luz]: Termo de abertura do livro para a coleta de assinaturas dos devotos de Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, em vista de sua beatificação: 26 de julho de 1934). O Mosteiro da Luz conserva diversos livros com milhares de assinaturas de fiéis devotos, que solicitam a beatificação de Frei Galvão. O termo do 1º volume iniciado em 1934, escrito por Mons. Martins Ladeira, é uma página que comprova a veneração por Frei Galvão, muito antes de ser aberto o Processo, em 1938. (CONGREGATIO, op. cit., p. 261;271). Fato que quer demonstrar quão ele era popular, a ponto de se conseguir, nessa época, uma expressiva lista de assinaturas. Essa lista ajuda agrega mais positividade à fama, compõe o patrimônio e auxilia na manutenção da história de que Antonio Galvão de França realmente foi um homem santo.

Em síntese, o objetivo de explorar nesse artigo brevemente o que foram os milagres de frei Galvão em vida é para perceber que um santo não é apenas construído com base em relatos de milagres de gente viva, por assim dizer, somente de exames médicos, de decisões políticas e religiosas. No desenvolvimento de um processo canônico, inúmeras pessoas estão envolvidas: no caso selecionado aqui, há descendentes da família Galvão de França, representantes da igreja católica, postuladores, ou seja, uma espécie de advogado, como irmã Célia Cadorin, que é quem redige a biografia do santo a ser enviada à Congregação da causa dos santos, mas especialmente os devotos têm participação ativa no reconhecimento por parte do clero da santidade de algum ser humano.

Alguns desses devotos – os que viveram, ouviram e presenciaram talvez milagres em vida praticados pelo frei franciscano – não vivem mais; todavia no exercício de passar adiante uma experiência vivida ou ouvida, reforçaram a fama de que ele era santo. Porém ele tem devotos, ou melhor, os chamados milagrados, que são indivíduos que se viram em determinadas circunstâncias periclitantes e, no desespero ou por medo, apelam à religiosidade, a fim de obterem uma solução ao problema. Não é mérito discutir o que é milagre ou não, se houve ou não, mas no processo de frei Galvão há dois casos: o primeiro da menina Daniella, curada de um problema de saúde, motivou a beatificação de frei Galvão,

o segundo, Sandra que, por problemas de complicação de gravidez, apelou ao frei, e hoje seu filho Enzo é, por assim dizer, uma prova da ação do frei.

Tudo isso serve para mostrar que, se essas pessoas recorreram a frei Galvão – antes mesmo de ele ser santo – é porque ele já era conhecido como alguém diferente, bondoso, dotado de poderes curativos, concesso de graças e milagres. A eles chegou a história do frei que, com suas pílulas, curou muitas pessoas, acreditaram e se curaram. Independente do que os tenha curado ou liberado de um problema grave, importa aqui que são eles testemunhos hoje vivos, para o catolicismo e para o público devoto, de que, há mais de duzentos anos, frei Galvão é um homem bom, santo, um representante de Deus no meio dos homens.

*Recebido em março/2008; aprovado em maio/2008.*

### *Notas*

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História pela PUC/SP com da tese intitulada O santo é brasileiro: memória, história, fé e mediação no estudo de santo Antonio de Sant' Anna Galvão, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Rosário da Cunha Peixoto. E-mail: biancagsouza@yahoo.com.br.